



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12657 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT26 - Educação do Campo

**JUVENTUDES DO CAMPO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PROTAGONISMO POLÍTICO: um estudo sobre egressos da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, Independência-CE.**

Francisco Gilvan de Azevedo - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Luiz Paulo Jesus de Oliveira - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

**JUVENTUDES DO CAMPO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PROTAGONISMO POLÍTICO: um estudo sobre egressos da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, Independência-CE.**

## 1. INTRODUÇÃO

O campo brasileiro é marcado por grandes desigualdades sociais desde a colonização até os dias atuais. Nos últimos anos percebe-se um crescente discurso desenvolvimentista provocando o processo de êxodo rural gerando novas fronteiras agrícolas e a intensificação da concentração da terra, abrindo caminhos não só para o agronegócio, e sim para a atuação de grandes empresas de diversas áreas (FILHO et al., 2015).

A juventude do campo é fortemente impactada com esta nova caracterização e mudanças no meio rural. O patriarcado tem-se intensificado com o passar do tempo no campo, influenciando fortemente na transferência das propriedades, nas atividades agrícolas e como será a produção. Estes elementos contribuem “para a ampliação da migração para a cidade ou para outras áreas rurais” (CASTRO, 2009). Além deste fator, percebe-se que os projetos de vida são modificados pelas questões sociais do campo, tais como: não identidade com o trabalho rural, acesso à terra, possível desconhecimento de tecnologias de convivência com a seca, as mudanças culturais.

A categoria juventude é vista enquanto problema social, onde se tenta a todo o tempo criar uma ideia de que os jovens são o “futuro” do país, como se não fosse necessária sua participação nas tomadas de decisões, por exemplo, como também existe o não reconhecimento como indivíduos concretos. No campo e na cidade, as juventudes vivem seus ciclos de vida como formas distintas a partir da sua condição de gênero, raça, cor, etnia e sexualidade. Segundo os dados PNAD/IBGE, em 2020, havia “...6,7 milhões de jovens entre 16 a 32 anos no meio rural brasileiro..., sendo 3,4 milhões de homens e 3,3 milhões de mulheres. Entre esses quase sete milhões de jovens, 68% identificaram-se como negros e pardos (4,6 milhões no total)”. (CONTAG, 2022, p. 12)

E no estado do Ceará, o número total de jovens de 16 a 32 é de 501.008, sendo 254.527 (50,8%) de jovens homens e 246.200 (49,2%) jovens mulheres (CONTAG, 2022, p. 16). A partir dos dados tem-se uma caracterização da juventude brasileira e do estado, mas será juventude do campo (de diferentes lugares) vivem da mesma forma que os jovens da cidade? Os jovens do campo assim como os da cidade têm diferentes ocupações em atividades agrícolas e não agrícola, participam de movimentos, construindo-se como categoria, passando a serem agentes políticos, não só como os “filhos dos agricultores”.

Diante do exposto, percebe-se que as Escolas Família Agrícola é um modelo de educação que vem valorizando os povos do campo, preconizando a participação política através dos debates, das místicas todas as manhãs que possibilita os sujeitos fazerem reflexões sobre os espaços em que estão inseridos. Por essa razão, os sujeitos do campo vêm apostando nas escolas do campo, em especial as escolas EFA's como instituições de ensino para crianças e jovens das comunidades rurais deste país.

Nesse sentido, o presente estudo visa analisar e compreender o papel da EFA Dom Frágoso na formação profissional dos jovens dos campos egressos e suas consequências na inserção produtiva e política em comunidades rurais de municípios, localizados na região dos Inhamuns/Crateús, no interior do Estado do Ceará.

## **2. JUVENTUDE DO CAMPO E ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA**

O meio rural brasileiro ao longo de décadas, principalmente durante o século XX passou por profundas transformações. As comunidades a partir das mudanças provocadas em seus cotidianos, onde se acredita que os estopins desse processo foram às políticas adotadas principalmente na era Vargas, se intensificando com a chamada Revolução Verde gerou impactos sentidos na sociedade até hoje com a chamada “globalização”.

Durante esse período o capitalismo se consolidou através de vários mecanismos, ao expropriar a terra, retira também elementos fundamentais dos mesmos, negando direitos a partir da compra da força do trabalho e interfere diretamente na identidade dos mesmos “haja

vista que os discursos de modernidade, progresso e civilidade confluem com o ideário desenvolvimentista e o campo é visto como lugar de atraso e miséria” (SANTANA, 2019, p. 91).

Nesse sentido, a educação traz para a população e sujeitos a garantia e possibilidade de acessar o conhecimento, seja os empíricos e acadêmicos, abrindo portas. O acesso à educação no Brasil por parte da classe trabalhadora foi lento e tardio, mesmo sendo uma importante ferramenta de fortalecimento da cidadania.

A CONTAG em seu “Plano de ação para o trabalho com a juventude rural” de 2022, apresenta um importante diagnóstico da realidade educacional juvenil em áreas rurais no Brasil, ao constatar que “...2,5 milhões desses jovens rurais entre 16 a 32 anos possuem apenas o Ensino Médio (sendo que 1,5 milhões tem essa etapa incompleta)... E apenas 251 mil jovens rurais têm o Ensino Superior completo”. (CONTAG, 2022, p. 24)

Por sua vez, no Estado do Ceará segundo os dados Censo Escolar da Educação Básica (INEP/MEC) é bastante significativo o número de escolas do campo fechadas entre 2010 e 2020. Em 2010 havia 4.659 escolas em áreas rurais, sendo que 2020 havia apenas 2.620 estabelecimentos escolares. Portanto, em uma década, foram fechadas 2.039 escolas em áreas rurais no Estado do Ceará, o correspondente a redução de 44% dos estabelecimentos escolares rurais.

É preocupante a situação do fechamento das escolas rurais, tendo em vista que são nestes espaços que as crianças e jovens começam a se reconhecer como parte de uma comunidade, quando há o fechamento e transferência dos sujeitos tem-se uma ruptura da vida comunitária e do território de origem, interferindo diretamente na construção indenitária dos mesmos.

## **2.1 O caso da EFA Dom Fragoso**

Como estas escolas tendem a responder as necessidades dos sujeitos do campo a fim de elucidar as desigualdades sociais, o projeto político-pedagógico tende a associar-se ao projeto de desenvolvimento local partindo das práticas educativas visando à sustentabilidade e o desenvolvimento endógeno dos sujeitos do campo (MATTOS, 2011).

Na EFA Dom Fragoso todos os espaços pedagógicos possuem nomes que prestam homenagens a algumas lideranças ou movimentos sociais, que exemplificam a luta, o protagonismo, que defenderam a causa social em algum momento da história. Todas as homenagens fazem parte cotidianamente do processo de ensino e aprendizagem, sendo que “esses nomes não são por acaso, tem uma intencionalidade pedagógica e, portanto, quando os/as estudantes passam a compor a família EFA, aprendem sobre essas personalidades”

(CAVALCANTE, 2012, p. 17-18).

A partir da Pedagogia da Alternância, as EFAs tem tentado responder as demandas dos trabalhadores ao ofertar o ensino a partir do estudo da realidade como já exposto através do Plano de estudo. Os saberes gerados nas escolas do campo trazem a proposta de contextualizar o currículo em sala tendo como base a realidade concreta, na EFA Dom Fragoso, por exemplo, todas as unidades produtivas que tem o nome de uma personalidade, que diariamente nas sessões no período escola fornecem a prática dos conhecimentos apreendidos em sala de aula que muitas vezes são apresentados na socialização dos PE.

Por decorrência de todo processo formativo, da sistematização dos saberes empíricos e da cultura das comunidades e dos saberes do meio acadêmico ao final do terceiro ano na EFA, os jovens apresentam o Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC). O PVFC tem um importante papel, ao conectar os jovens e suas famílias ao processo formativo durante o período que os sujeitos estão na EFA. O PVFC visa garantir o acesso a trabalho e renda aos jovens e suas famílias.

A prática como princípio educativo demonstra que os jovens camponeses que estudam em EFAs comparados aos que estudam em escolas do ensino médio da rede de ensino conseguem sobressair às adversidades e discutir sobre as suas realidades e das suas comunidades com maior facilidade, propondo inclusive soluções coerentes. A Educação do Campo vem despertando “o protagonismo juvenil com tecnologias apropriadas para a convivência com semiárido, tendo como a base a agroecologia e buscando como ideologia o bem viver no sertão cearense”(LIMA, 2017, p.76).

## **2.2 As primeiras aproximações com os jovens egressos da EFA Dom Fragoso**

Enquanto etapa da pesquisa de campo desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação do Campo da UFRB, delimitamos como objeto de análise os jovens egressos da EFA Dom Fragoso das turmas de 2015 a 2019. Nesse sentido, com o objetivo de obter informações iniciais do perfil dos jovens egressos, elaboramos um questionário online e estabelecemos com o maior número de egressos no segundo semestre de 2021.

Identificamos um total de 89 jovens egressos da EFA Dom Fragoso, sendo que obtivemos a resposta de 37 jovens egressos com faixa etária de 19 e 32 anos. Portanto, se trata de uma amostra significativa (41%).

Os jovens egressos são oriundos de diferentes municípios do estado do Ceará, não se limitando a apenas uma região. São jovens de comunidades rurais, filhos de assentados(as), indígenas e quilombolas, sendo que 17 egressos residem no lugar de origem e 20 egressos saíram de suas comunidades devido a vários fatores, sendo mais comum por conta dos

estudos, já que na maioria das vezes nas comunidades e cidades pequenas não se tem faculdades, outro motivo são os trabalhos em outros setores não agrícola e também existe aqueles que já casaram e mudaram de localidade ou município.

Foi constatado que dos 37 egressos, 08 continuam exercendo de forma direta as atividades junto as suas famílias e comunidade. Contudo, 29 egressos estão em diferentes ocupações sem vínculo direto com meio rural. Apenas 01 egresso está atuando diretamente na militância do MST e 01 egresso mesmo estando como agente de ATER, mas que continua desenvolvendo as atividades na propriedade.

Alguns egressos que estão na universidade hoje são bolsistas em importantes projetos como o AgroIFNorte e na Ematerce, onde os mesmos podem contribuir na construção e sistematização de conhecimentos, aproximando o acadêmico da prática no dia a dia. Vale ressaltar que em conversas informais, percebe-se que alguns jovens atuam na área como educadores em suas comunidades ou comunidades próximas de suas residências.

Durante a pesquisa os jovens foram perguntados se ingressaram no ensino superior, sendo que 26 egressos continuaram os estudos no superior em diferentes áreas de atuação e 01 está fazendo outro curso técnico, predominando os cursos que estão próximos da realidade dos jovens e suas famílias, ou seja, cursos que de alguma forma continuem a formação obtida na EFA Dom Fragoso.

A partir dos cursos percebe-se que o processo formativo da EFA Dom Fragoso desperta interesses nos egressos de continuarem os estudos em cursos que valorizam o campo e os sujeitos que estão nele, pois todos os cursos em que os jovens estão inseridos podem ajudar as comunidades e famílias camponesas a superarem diversas mazelas.

Outro ponto abordado é a participação social dos mesmos, seja na comunidade ou município, ao serem perguntados, 21 dos jovens dizem que estão envolvidos em organizações sociais como: Associações, Pastoral da Juventude Rural (PJR), Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), Movimento Indígena, organização do assentamento aqueles que são de área de reforma agrária, cooperativas, grupos de jovens e igrejas.

Quanto as atividades defendidas nos seus PVFCs, os 37 egressos da EFA Dom Fragoso elencaram as seguintes: ovinocaprinocultura, suinocultura, minhocultura, avicultura, bovinocultura, mandiocultura, apicultura, cultivo em quintais produtivos e mandalas, cultivo de palma forrageira. Do total, 32 das famílias estão ainda produzindo em suas unidades produtivas, 02 estão apenas com algumas unidades funcionando e 02 não deram continuidade.

### **3. Considerações parciais**

O presente trabalho como exposto já está em um estágio avançado no que tange a aproximação dos egressos da EFA Dom Fragoso, onde já se tem um mapa da realidade a partir das amostragens coletadas com os 37 egressos das turmas de 2015 a 2019. O próximo passo será a construção de uma amostra qualitativa constituída sobre os egressos que tem casos significativos de intervenção da realidade concreta, contemplando as múltiplas determinações com recorte de gênero, ético e participação social. Será construído um debate sobre as juventudes camponesas e o que já existe em pesquisas anteriores a minha, em especial os jovens do semiárido, na qual estou inserido juntamente com os sujeitos que estarão sendo pesquisados. Ao aplicar os questionário semiestruturado será em quatro cenários, sendo observado os egressos que ficaram no campo e estão produzindo, os que continuam nas comunidades e estão em outras atividades não agrícolas, os jovens que saíram para estudar em cursos superiores, olhando os cursos, as aproximações e distanciamentos da proposta da EFA.

## REFERÊNCIAS

- CONTAG. Plano de ação para o trabalho com a Juventude Rural. Cartilha elaborada pela Secretaria de Jovens da CONTAG. Cidade Gráfica. Brasília/DF, Março de 2022.
- CASTRO, Elisa Guaraná et al. Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político. Mauad Editora Ltda, 2009.
- CAVALCANTE, Maria Rosenira Bezerra. A VIDA DE GRUPO COMO ESPAÇO EDUCATIVO. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte-MG, 2012. 131 p.
- FILHO, Eraldo da Silva Ramos et al. Estado, políticas públicas e território. 1 ed. Outras expressões. São Paulo. 2015
- LIMA, Maria Patrícia Moura de. Escola do Campo, Currículo e Práticas Agroecológicas: Um estudo sobre a Escola Família Agrícola (EFA) Dom Fragoso. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2017. 154 f. Disponível em: file:///C:/Users/1975/Documents/Mestrado/2017\_dis\_mpmlima.pdf. Acessado em 25 de junho de 2021, 15:20:00.
- JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati. Juventudes, desigualdades e diversidades: estudos e pesquisas. Londrina: Eduel, 2013. [livro eletrônico]
- MATTOS, Beatriz Helena Oliveria de Mello. Educação do campo e práticas educativas de convivência com o semiárido: a Escola Família Agrícola Dom Fragoso. Banco do Nordeste do Brasil, 2011.
- SANTANA, Sandro. Música e Ancestralidade na Quixabeira. Salvador: EDUFBA, 2019. 2ª Edição Atualizada.